

Depois de muito esforço, um dos dois cofres do Senado foi finalmente aberto

Segredo do cofre eram documentos

28 JAN 1987

28 JAN 1987

A abertura, ontem à tarde, de um dos dois cofres alemães leiloados pelo Senado no último fim de semana esclareceu apenas parcialmente o mistério que o cercava. Dentro dele foram encontrados diversos documentos — livros, fitas e envelopes lacrados —, cujo teor deverá ser examinado por uma comissão criada ontem mesmo para tratar do assunto. “O Senado possui documentos considerados sigilosos. Vamos primeiro ver de que se trata e depois, com o conhecimento da Mesa-diretora, divulgar o que for possível observou, cauteloso, o presidente da comissão, Luiz Monteiro, diretor da secretaria administrativa do Senado.

Embora não tenha permitido o exame dos documentos, Monteiro expôs todo o material à imprensa. Estavam lá três volumes com cópias fotostáticas de documentos relativos ao IPM Carta Brandt, dois volumes com os originais de atas das reuniões da comissão diretora do Senado, de 1952, dois rolos de fitas — um dos quais parece ter imagens do Palácio Monroe, que abrigou o Senado antes de sua transferência para Brasília — e ainda todo o material relativo a um concurso para o anteprojeto do edifício-sede do Senado.

HISTÓRIA

Luiz Monteiro lembra que, pouco antes da decisão de transferir a capital para Brasília, se pensava em construir um novo prédio para o Senado. Antes funcionava no Palácio Monroe, que também tem uma história interessante. O prédio, antes de abrigar o Senado, fora o pavilhão brasileiro na exposição internacional de Louisiana, nos

Estados Unidos. Terminada a exposição, o prédio foi desmontado, levado para o Rio de Janeiro e durante mais de 10 anos serviu como sede da Câmara Alta.

No final da década de 60 era comum a convocação de concursos para a construção de prédios públicos — e a disputa para o novo prédio do Senado chegou a ser aberta. Logo depois, porém, a idéia foi frustrada com a posse de Juscelino Kubitschek e a decisão de criar a nova capital. Restaram diversos envelopes pardos, lacrados, esquecidos dentro do cofre aberto ontem, que podem conter até originais dos projetos apresentados.

O caso Carta Brandt aconteceu na década de 50, com o aparecimento de uma carta, atribuída ao deputado argentino Antônio Jesus Brandt, que insinuava a existência de um conchavo entre o então candidato a vice-presidente João Goulart e o presidente da Argentina Juan Domingo Perón, para articular um golpe que transformaria o Brasil numa república sindicalista. A carta chegou a ser lida na televisão, na época, pelo jornalista Carlos Lacerda. O inquérito instaurado para apurar o caso, porém, chegou à conclusão de que a carta fora forjada por falsários argentinos com o objetivo de vendê-la a inimigos de João Goulart.

LUCRO

Resta agora abrir o outro dos cofres, que continua guardado no depósito do Senado. Mais novo que o primeiro — cuja idade é calculada em mais de 80 anos — o cofre está resistindo a todas as tentativas dos especialistas em chaves e segredos. Ele possui seis chaves, que não foram

extraviadas. O difícil está sendo descobrir qual a combinação exata para abri-lo.

Caso o cofre não seja aberto, seu arrematador, o empresário Pedro Vieira, terá que devolvê-lo ao Senado. Ele comprou o cofre por Cz\$ 11 mil 100 e calcula que deve gastar mais Cz\$ 15 mil para pagar o chaveliro. Ele espera revendê-lo por Cz\$ 70 mil. “Comprei para negociar depois. Este cofre é de uma marca de muita segurança. E de difícil aquisição”.

Ao contrário de Pedro Vieira, o comprador do cofre aberto ontem, Dilermando Flores, não pensa em vendê-lo tão cedo. “Compramos o cofre para uso na nossa empresa. Um novo deve estar valendo uns Cz\$ 20 mil e nós arrematamos este por Cz\$ 5 mil”. O belo cofre, de aço escuro, que deve pesar duas toneladas, já conquistou seu novo dono. “Hoje eu não o vendo nem por Cz\$ 100 mil”, comenta Dilermando.

Além de todos os documentos encontrados no compartimento inferior do cofre antigo, também foi achada, no compartimento superior, uma chave com uma etiqueta escrita a mão. Um dos antigos funcionários do Senado, Vicente Sebastião, integrante da Comissão de Leilões do Senado, reconheceu a caligrafia. Segundo ele, é a letra de Luiz Nabuco, diretor-geral da casa entre 1955 e 60.

Segundo o presidente da comissão criada para estudar o conteúdo do material encontrado no cofre, Luiz Monteiro, o destino de todas as peças será julgado pela Mesa-diretora. “Os documentos referentes ao concurso para a construção do novo prédio do Senado, por exemplo, poderão ser doados para o Clube de Engenharia.